

Resistindo às pressões

SÃO PAULO – A redução do juro básico de 32% para 29% foi a alternativa mais conservadora possível, disse o diretor da corretora Fair, Alberto Alves Sobrinho. "Significa que o Copom resistiu às pressões políticas dos industriais e entidades de classe", acrescentou.

Antes da decisão do Copom, as apostas variavam entre 27% e 29%. No início da semana, alguns otimistas chegaram a apostar que a redução seria para 25%, mas era uma corrente minoritária no mercado.

Há algumas semanas vêm crescendo as pressões dos representantes do empresariado – especialmente paulista – para a redução de taxas de juros.

A dificuldade na aprovação do ajuste fiscal, a instabilidade internacional que ainda não está resolvida – e só tende a se agravar com o bombardeio do Iraque pelos Estados Unidos – e a saída de dólares continua podem ter sido as razões para a decisão conservadora do Copom.

A redução da Tban, que serve de

indexador para empréstimos punitivos aos bancos, de 42% para 36% foi ligeiramente mais agressiva que as expectativas de mercado. Antes da decisão, analistas estimavam que a Tban seria pouco reduzida, para uma faixa entre 37% e 40%. (T.B.)

■ Empresários do Grupo de Investidores Estrangeiros estiveram ontem com o presidente Fernando Henrique Cardoso para reafirmar o apoio do GIE à política econômica do governo. O coordenador, Joel Korn, disse que uma das funções do grupo é "disseminar" uma boa imagem do Brasil no exterior, mas que ele só poderá continuar este trabalho, caso o governo cumpra as promessas do ajuste fiscal e faça as reformas "fundamentais" para o país. O GIE é responsável por 95% do estoque de investimentos estrangeiros no Brasil. Korn acredita que a aprovação da reforma tributária é muito importante para a sustentação da economia.